Revista Tecnologias na Educação-ISSN: 1984-4751 – Ano 12 -Vol.34- Dezembro/2020

Autorias infantis sob um novo olhar: potencialização das autorias cartográficas durante a formação docente e suas geotecnologias na educação

Andressa Michelli de Souza[1]

Manuella Cardoso Campelo[1]

Iris Silva Dantas[1]

Bruna Victor Sousa[1]

Rodrigo Batista Lobato[2]

RESUMO

Este trabalho busca tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de autorias cartográficas durante a formação docente em Geografia, para promover autorias infantis e o protagonismo discente na Educação Básica, utilizando geotecnologias para elaboração dos mapas e das narrativas, propiciando que esse encontro se dê pela arte, tanto na construção de mapas, quanto nos contos infantis. Sendo assim, este artigo evidência a relação de autorias infantis com os multiletramentos, suas tecnologias a partir das práticas pedagógicas durante o processo formativo. Além disso, a pesquisa expõe a relevância e as oportunidades de valorização da autoria narrativa no cenário contemporâneo, considerando o papel que nela desempenham a imaginação e as experiências vividas, no qual são apresentados 4 mapas, dois elaborados com tecnologias digitais e outros de forma analógica. Como resultado, pode-se oportunizar aos futuros docentes tal práticas, para que sejam realizadas futuramente em sala, combinando Geografia e narrativas, desenvolvidas por um processo criativo e autoral.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Autorias-Infantis, Mapas autorais, Narrativas Multidisciplinar.

1. Introdução

O ato de imaginar constantemente era interpretado de maneira errada, à criatividade normalmente era visto pelos adultos de forma infantil, inútil e utópica. A imaginação é uma capacidade extremamente importante, pois é uma forma de expressar os pensamentos, sonhos e também experiências vivenciadas.

---

[1] Estudantes de Geografia, Universidade Veiga de Almeida;

[2] Doutor em Geografia pela UFRJ, Professor do curso de Geografia, Universidade Veiga de Almeida.

Segundo VINHA; WELCMAN (2010):

> A idealização é uma capacidade mental que permite a representação de objetos segundo aquelas qualidades dos mesmos que são dadas à mente através dos sentidos, ou melhor, de acordo com preceitos da Psicologia Histórico-Cultural, toda imaginação se apoia em imagens registradas das experiências, inicia-se na memória, reproduzindo o que foi vivido em formas de imagens e à medida que a imagem deixa de surgir involuntariamente e se modifica, a imaginação é expressa.

Já para o autor GIRARDELLO (2007, p. 39) a infância é a grande fonte da nossa vitalidade imaginária. É bem verdade que a imaginação é uma faculdade que se desenvolve em um contínuo, ao longo de toda a nossa vida. Portanto, também pode-se concluir que toda criatividade na puerícia possui uma emotividade extraordinária, no qual as crianças usam mais facilmente à ficção, pois o entusiasmo com o novo conhecimento faz com que elas sempre descubram novas experiências, gerando a continuidade da sua imaginação, e para os guris o planeta sempre está repleto de imagens recentes.

De acordo com LOPES; MELLO (2017, p.71), quando falamos de autorias infantis temos que identificar que os pequenos contêm uma linguagem espacial, uma memória espacial, uma vivência espacial, e que a atividade criadora das crianças é também uma atividade espacial.

Desde o nascimento, a criança vai absorvendo conhecimento social, por exemplo, ensinamentos culturais, religiosos, regras da sociedade, princípios de etiquetas, prontamente isso vai ocasionando cada vez mais a convívio social e a comunicação ao grupo em que vive.

Para JOVCHELOVITCH (2008) é durante as vivências cotidianas com pares da Educação Infantil, que as crianças constroem sua identidade e sua condição cidadã ao entrarem em contato com os conhecimentos que circulam em seu entorno.

Em vista disso, é evidente que conforme a evolução do bebê e das crianças, elas vão obtendo informações e aprendizagem sobre o mundo, cultura, cotidiano, no qual ela vive. Uma criança ao desenhar, ao construir um mapa infantil, ao inventar brincadeiras ou até ao contar histórias, irá se basear e transmitir o aprendizado para a construção dela.

Neste sentido, a demonstração artística e autoral da criança permite a união entre a inteligência e a afetividade e quando se trata de crianças pequenas, assim, elas possuem uma melhor espontaneidade, favorecendo essa exibição, visto que a brincadeira se faz presente o tempo todo e através do contato com as imagens elas se informam facilmente através das linguagens artísticas.

De acordo com as autoras, FERRAZ; FUSARI (1993).

> É na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 42).

Como visto anteriormente, é correto afirmar que desde tenra idade da criança, ela se torna ativa socialmente, ou seja, se comunica através do repertório de símbolos e significados criados pelos antepassados. A esse respeito, Lopes e Mello (2017), demonstram que os bebês e crianças nascem em um mundo de linguagem, que envolvem palavras humanas e também artefatos da cultura.

Desta forma, a criança também reestabelece os significados, pois acaba relacionando as experiências externas às suas possibilidades de percepção e leitura de mundo, assim dizendo, ela faz uma exceptiva de mundo individual e coletivo.

Outro fator que vai contribuir para esse processo imaginativo e de significados na vida das crianças são os desenhos animados infantis. Além de potencializar a força criativa delas, os desenhos possuem um caráter lúdico, mas que levam também uma temática educativa para o seu público alvo.

A esse respeito, Lobato e Coelho (2018), também apontam que os desenhos animados não possuem esse caráter de aprofundar os conceitos educativos, pois o seu fim não é servir para uma revisão de aula ou mesmo ensinar como se as crianças estivessem em uma escola.

Levando em conta esse caráter criativo e imaginativo da criança, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de autorias cartográficas durante a formação docente em Geografia, para promover autorias infantis e o protagonismo discente na Educação Básica, utilizando geotecnologias para elaboração dos mapas e das narrativas, propiciando que esse encontro se dê pela arte, tanto na construção de mapas, quanto nos contos infantis.

2. Embasamento Teórico

Inicia-se esse tópico com a reflexão do Professor Jörn Seemann (2015, p. 263), "Que Cartografia precisamos ensinar aos alunos de graduação e quais as possíveis estratégias para aplicar esses conhecimentos nas escolas? Que conhecimentos os professores precisam possuir e dominar? "

A partir dessa perspectiva, de desenvolver e potencializar a transmissão do conhecimento cartográfico na escola, que pode-se participar do projeto para criar Contos Geográficos Infanto-Juvenis.

A criação desses contos, visando autorias com mapas que não estão balizados pelos certames técnicos e da precisão, voltados para uma Cartografia acadêmica/oficial, visa justamente seguir outros referencias teóricos.

A exemplos de Girardi (2012), o rigor técnico voltado para esse tipo de mapeamento, caracteriza uma Cartografia convencional e os mapas alternativos sugerem uma oposição. Tal opção em vista, é promover autorias infantis, dando ênfase no processo de comunicação das referências espaciais das crianças.

Seemann (2010), ao falar de contramapeamentos, também discorre sobre o mapeamento de representações que fujam a regra dessa Cartografia das convenções e informações básicas que os mapas devem conter.

Essa perspectiva visa justamente promover autorias infantis, como Lopes e Mello (2017), destacam como sendo uma maneira de mediar o conhecimento com a criança, e ainda é dado o protagonismo para elas.

Diante de tudo que fora dito até aqui, pode-se afirmar que Lobato (2020), corrobora com essa ideia, visto que indica que esses aprendizados são na verdade Multiletramentos na Cartografia por considerar que pelos mapas, serão apreendidos outros saberes para mediar o conhecimento em sala de aula.

Buscar-se autorias infantis por um outro olhar, de modo que na vida escolar a Cartografia infantil é abordada tardiamente, e muitas das vezes é trabalhada nos princípios de uma Geografia mais tradicional considerada como decoreba, onde a memorização é avaliada como um dos principais fatores de aprendizagem.

Ou ainda, as aulas de Cartografia mais se parecem com uma aula de matemática (SEEMANN, 2013), do que propriamente uma aula de Geografia. Quando isso ocorre, não desperta o olhar espacial que deve ser construído e desenvolvido gradativamente na

vida da criança, ocasionando na construção de um indivíduo sem potencializar a forma geográfica de ver e pensar dessa criança, que já existe.

Esse entendimento é baseado em Freire (2005), ao afirmar que a criança antes de ler a palavra, ela já lê o mundo.

Observa-se também as contribuições de Lopes e Melo (2017), pois salientam que, é se apropriando do social que a criança se constitui como um ser cultural, é apropriando-se da linguagem cartográfica presente no social que as crianças produzem o novo.

Para Simielle (1986), as séries iniciais são de suma importância para a Cartografia, já que é nessa idade que as crianças começam a se interessar pelas imagens. Lobato (2020), complementa que esse interesse pelas imagens inicia pelas crianças desde a primeira infância.

A importância dessa experiência ser aplicada antes com os professores para depois ser executada com as crianças é salutar, pois é preciso entender os processos mediação do conhecimento, conhecendo as facilidades e dificuldades de elaboração de um mapa, assim como, todo processo de narrativas dessa imagem. Por mais que essa atividade tenha sido feita dentro da disciplina de Geografia, ela abre portas para que o estudante se aproprie de outras áreas do conhecimento.

A criança é um intervalo populacional que abarca todas as outras. Há bilhões delas, de todos os jeitos e em toda a parte, vivendo diversas infâncias, em diversos tempos. A questão é apresentar como nós podemos auxiliar nesse desenvolvimento delas a partir dos nossos conceitos geográficos e educacionais.

Os pequenos estudantes correm o risco de serem intelectualmente discriminados, mesmo não organizados em movimentos tais quais os conheceram entre os adultos. Essa realidade não os oferece oportunidade de criar dentro de seu próprio mundo, não possuem protagonismo na infância porque priorizamos o controle pelo mundo adulto.

No entanto, tem-se o intuito de mudar o ponto de vista do graduando em Geografia na licenciatura, para o fato de que não há só uma infância. Assim, acredita-se que os estudos realizados na presente pesquisa, possibilitam ao educador em formação um novo significado, ampliando um olhar para as especificidades das infâncias.

Cremos dessa forma, que os docentes e graduandos, podem e devem ser capazes de conhecer e reconhecer o imenso potencial que as crianças têm para aprender nos mais diversos contextos (família, comunidade, escola, igreja, festas, entre outros...).

Configurando-se, assim, um ambiente que, nas palavras de Antonio Gariboldi (2003, p. 54), é "um lugar de vida infantil, muito mais do que um lugar institucional concebido e finalizado para objetivos do tipo didático". Desse modo, inventamos estratégias educacionais promotoras de infâncias, modelos de diferenciação, para que todos possam experimentar. O desafio posto para os professores é de implementar o exercício da infância.

Na escola, se exercitam formas diferentes de sociabilidade e ação, o que não é possível em espaços familiares. O espaço público expõe e possibilita à criança outros agenciamentos, afetos e amizades. Por conta disso, a interação do professor para com o aluno é essencial para o desenvolvimento autoral deles. É preciso aproveitar as possibilidades de acontecimentos que ocorrem na cena escolar.

Nessa educação, o professor está fortemente empenhado em entender o que as crianças falam o que querem conhecer, estudar, deixar para lá; pensar o que há de interessante para visitar e ver, que novas formas de brincar podem ser descobertas, que músicas podem ser criadas e que danças podem ser inventadas. Essa relação é uma via de mão dupla onde os dois lados se beneficiam, o professor conquista mais experiência e pode criar novos métodos de aprendizado para explorar essas autorias infantis e o aluno se beneficia com o desenvolvimento de suas habilidades e conhecimentos aflorados.

3. Metodologia

Visando por em prática no ensino da Geografia, atividades que possam fortalecer as autorias infantis, a partir dos mapas, as autoras presentes neste artigo, participaram de um projeto de pesquisa, ligado com a disciplina de Cartografia, com o intuito de nos capacitar para uma futura aplicação na Educação básica.

O projeto consistia em criar Contos Geográficos Infanto-Juvenis para crianças da faixa etária a partir das séries iniciais até as séries finais do Ensino Fundamental.

O projeto tinha como referência contramapeamentos (SEEMANN, 2010), mapeamentos alternativos (GIRARDI, 2012), e autorias infantis (LOPES; MELLO, 2017).

Além disso, o professor responsável pela pesquisa, Professor Rodrigo Batista Lobato, teve como inspiração no autor Tolkien, pois antes de desenvolver a narrativa do *Best Seller* Senhor dos Anéis, desenvolveu um mapa. Diante disso, a pergunta

norteadora do projeto era: "Quantos Tolkien passaram ou passarão por nós professores e não poderemos potencializá-los com a linguagem cartográfica?"

Com os estudantes separados em grupos, a primeira etapa do projeto, consistia em desenvolver o mapeamento de cada conto geográfico. A única exigência era, que o mapa fosse autoral, de modo que poderia ser feito tanto à mão, quanto em um ambiente computacional.

Nesta primeira etapa, não ocorreu nenhum tipo de oficina para ensinar a desenhar ou utilizar algum tipo de programa, de maneira que o objetivo era justamente que os participantes pudessem experimentar as dificuldades que as crianças na Educação Básica, possam vir a ter. Apenas foi indicado realizar de forma analógico ou digital, a partir de uma plataforma de mapeamento para jogos de *Role-playing game* (RPG) intitulado inkarnate[3] ou por outro meio digital.

Ao fim dessa etapa do trabalho, tivemos a percepção de que alguns integrantes ao se unir em um novo grupo poderiam agregar às pesquisas sobre autorias infantis com base em nossos ofícios.

Após o mapa devidamente desenhado com suas espacialidades dos fenômenos geográficos, fruto de um processo de imaginativo (LOBATO 2020), e da própria forma geográfica e autônoma de pensar (GOMES, 2017), seguia-se para a parte literária, sendo a narrativa da história.

As narrativas dos contos geográficos, não foram induzidas pelo professor responsável, visto que, sendo o objetivo potencializar autorias, não teria sentido se o mesmo ficasse controlando as histórias de cada grupo, de maneira que a imaginação dos envolvidos puderam trazer vivências pessoais, coletivas, assim como de filmes e séries.

4. Análise e Discussão dos Dados

Assim, criaram-se quatro narrativas, no qual a utilização do mapa era fundamental tanto para o decorrer dos fatos, quanto para as dimensões encontradas nos contos.

Esses enredos tinham narrativas voltadas para assuntos atuais e relevantes, como: meio ambiente, desigualdade social, preconceito étnico-racial, subversão política e conhecimentos geográficos, porém com um cunho mais leve por se tratar de uma

[3] www.inkarnate.com

história como público alvo, as crianças do Ensino Fundamental. Dentre os contos desenvolvidos tem-se os seguintes mapas:

A história com título, “As aventuras das três irmãs”, figura 01, foi realizado a mão, sem o auxílio digital. Inspirado em locais fictícios, e que remetem a imaginação, o mapa buscou explorar a criatividade das autoras.

Figura 01: As aventuras das três irmãs

O conto, ‘’ As aventuras de Malu’’, figura 02, os autores utilizaram o mapa como um veículo de comunicação entre a história e os universos existentes dentro dela. Foram utilizadas fontes em séries, ficções e na própria imaginação e este mapa foi elaborado na plataforma Inkarnate.

Figura 02: As aventuras de Malu

A seguinte narrativa, pertencente a fábula "As Batalhas de Helena", figura 03. É um mapa da Grécia criado pelo programa Photoshop, estilizado cartunesco. Além disso,

ele foi projetado para crianças, logo possui um estilo infantil, no qual apresenta elementos que fazem parte da história e da Grécia: Deuses, Monte olimpo, Minotauro, etc. Ainda assim, o mapa traz o sol como forma de orientação. Portanto, o mapa trouxe como objetivo, fazer com que a crianças identificassem os elementos do conto (que se baseia na mitologia grega).

Figura 03: As batalhas de Helena

Por fim, nesse último conto, o mapa abaixo é respectivo ao conto "Os filhos da Gaia", figura 04, em que o mesmo foi elaborado a mão, trazendo um efeito pop-up, em Terceira dimensão (3D), com intuito de trazer uma maior interação e animação por parte da criança com o mapa.

Figura 04: Os filhos de Gaia

5. Conclusões

Dentro dos aspectos apresentados, faz-se necessário que haja a validação das autorias infantis, respeitando suas respectivas linguagens, memórias, e vivências espaciais. A Cartografia possui um papel primordial no desenvolvimento de autorias infantis, uma vez que a mesma não as reconhece, mesmo sabendo que segundo a psicóloga social, Jovachelovitch (2008) a narrativa tem papel imprescindível na construção do sujeito.

Sob esse prisma, a Geografia, especificamente a Cartografia, revela-se como uma linguagem a ser ensinada, e o ensino dessa linguagem é potencializado pelos Multiletramentos na Cartografia e as diversas tecnologias que podem ser aplicadas.

Todavia, quando falamos sobre a vida escolar, percebe-se que a Cartografia Infantil é introduzida tardiamente, e muitas vezes remetem a uma Cartografia tradicional, pautada em métodos de memorização, e que, por conseguinte, impede que o olhar espacial seja despertado, e desenvolvido gradativamente na vida das crianças, o que acarreta na criação de indivíduos sem noções geográficas.

Dessa forma, conclui-se que pode-se ter um novo olhar para as autorias infantis, a partir das práticas pedagógicas para criar um mapa e desenvolver uma narrativa. Percebe-se dessa maneira que é preciso reconhecer e respeitar a imaginação das crianças, oferecendo aos pequenos a oportunidade de criarem seus próprios mundos, sem que façam com um olhar adulto sobre os materiais produzidos.

Em síntese, trabalhos como estes realizados pelas autoras, juntamente com as novas perspectivas a respeito das autorias infantis, buscam refutar a tese de que o ato de imaginar é interpretado como uma maneira errada, e a criatividade normalmente vista pelos adultos de forma infantil, mostrando que essa visão pode ser alterada, assim que passarmos a olhar as produções infantis por outro viés, desconsiderando, portanto, o olhar adulto.

Tratando ainda da temática tecnológica, pode-se realizar tais mapeamentos de forma digital ou ainda de maneira analógica, de modo que um não invalida o outro. O importante é dar liberdade para cada criança escolher como desenvolver seus mapas.

6. Referências Bibliográficas

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

GARIBOLDI, A. **O dia-a-dia educativo em uma pré-escola (Avaliando a Pré-escola)** Campinas-SP, Brasil: Autores Associados, 2003.

GIRARDELLO, G**. Infância: Imaginação e Educação em debate**. São Paulo: Papirus, 2007.

GIRARDI, G. **Mapas alternativos e educação geográfica**. Revista percursos. Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 39 – 51, 2012.

GOMES, P.C.C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOBATO, R.B. **Multiletramento na Cartografia**. Tese de doutorado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

LOBATO, R. B.; COELHO, P. D. B. M. **O sentido de mapa nos desenhos infantis**. KHÓRA REVISTA TRANSDICIPLINAR, v. 5, p. 50-60, 2018.

LOPES, J.J.M.; MELLO, M.B. **Cartografia com crianças: lógicas e autorias infantis**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 7, n. 13, p. 67-78, jan./jun., 2017.

SIMIELLI, M.E.R. **O mapa como meio de comunicação**. Tese de doutoramento. São Paulo: DG-USP, 1986.

SEEMANN, J. **Cartografia e cultura: abordagens para a Geografia Cultural**. In: Temas e caminhos da Geografia Cultural. ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org). – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SEEMANN, J. **Carto-Crônicas: Uma viagem pelo mundo da cartografia**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SEEMANN, J. **O currículo dente-de-sabre da Cartografia no Brasil: reflexões sobre a transmissão de saberes e fazeres no ensino superior**. In. Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas / Jussara Fraga Portugal, Simone Santos de Oliveira, Solange Lucas Ribeiro organizadoras. - Salvador : EDUFBA, 2015.

VINHA, Márcia Pileggi; WELCMAN, Máx. **Quarta aula: a questão do meio na pedologia,** Lev Semionovich Vigotski. Psicol. USP , São Paulo, v. 21, n. 4, pág. 681-701, 2010.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 de outubro de 2020.

Recebido em DEZEMBRO 2020

Aprovado em DEZEMBRO 2020